

INFÂNCIA E LITERATURA: ECO DAS BRINCADEIRAS INFANTIS...

Childhood and Literature: Echo of Children's Games...

João Amado*

RESUMO

Neste texto oferecemos um breve panorama de brinquedos e jogos tradicionais, construído na base de registos sublinhados em diversas obras da literatura portuguesa do séc. XIX e XX, constituindo-se, desse modo, num contributo para a história da infância. O texto estrutura-se numa sequência de doze categorias (constelações), que também nos ajudará, na continuidade de nossos trabalhos anteriores, a oferecer aos interessados uma pista para a classificação dos registos (etnográficos, históricos, literários, e outros.) em torno da enorme variedade dos brinquedos étnicos ou populares.

Palavras chave: Jogo, brinquedo étnico, folclore infantil.

ABSTRACT

In this text we offer a brief overview of children's traditional toys and games, based on various works of XIX and XX century of Portuguese literature, as a contribution to childhood history. The text is structured in a sequence of twelve categories (constellations) which provide a continuity with our previous work, and allows those interested to follow a classification of registers (ethnographic, historical, literary and other) centred around the enormous variety of ethnic or popular toys.

Key words: games, ethnic toy, children's folklore.

* Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Lisboa.

Se o título, «infância e literatura» é demasiado genérico, susceptível de ser tomado sob diversos enfoques abertos a muitos questionamentos, já o subtítulo, «ecos das brincadeiras infantis», me parece menos ambicioso e menos problemático. Com este subtítulo de algum modo esclareço que apenas quero retomar o tema que desde há muito me tem interessado, das práticas lúdicas transmitidas ao longo de séculos no interior da faixa infantil da cultura, mas perspectivando-o, desta vez, a partir de diversos testemunhos de homens e mulheres de letras, dos mais diversos géneros literários. Trata-se de testemunhos que, se por um lado revelam a importância de tais práticas na educação e formação destes autores, enquanto descoberta do mundo, aprendizagens múltiplas, negociação com os outros, etc., por outro, surgem como evidentes testemunhos históricos, uma vez situados nos seus contextos e sujeitos à crítica específica que este género de documentos certamente exigiria (confira-se Gouveia, 2005; Luz, 2003).

Para já, julgo que este exercício, para além do prazer que ele em si mesmo encerrou (prazer sempre presente em qualquer investigação, mas ainda mais inevitável quando se trabalha com documentos literários), para além de me confirmar a importância para o desenvolvimento humano das práticas lúdicas infantis, alimentadas com a “*ciência de coisas*” e veiculadas de geração em geração ao longo de séculos ... para além de tudo isso, revelou-se-me um projecto de estudo possível (julgo que válido) e aliciante no quadro de uma História da Infância¹.

Retomando a classificação dos brinquedos populares que tenho vindo a ensaiar, numa atenção persistente de mais de 20 anos, tentarei proporcionar uma pequena viagem à descoberta desses brinquedos, na agradável ambiência criada por alguns trechos de poesia e de prosa dos mais diversos autores da literatura portuguesa.

Poderia começar por ilustrar com várias passagens de Aquilino Ribeiro a distinção que sempre faço entre os brinquedos industriais (de fabrico em série, a partir do séc. XVIII), brinquedos artesanais (realizados por mão treinada e com objectivo de serem vendidos por feiras, romarias e noutros aglomerados humanos) e os brinquedos populares – aqueles construídos pelas próprias crianças, e passados entre si, de geração em geração; mas limitar-me-ei a transcrever uma passagem de *O livro da Marianinha* (1962, p. 129), que o autor dedicou a uma das suas netas:

*«Que altas obras de marcenaria
com meu canivete eu fazia
de castanhas verdes, pólas de vinha,
cascas de abóbora menina,
de carcódea de pinheiro,
varinhas de marmeleiro,
canas verdes do canavial,
e vimes de bumbarral!
Tudo dava ao Quim do feitor, petiz,
que seguia de monco no nariz,
olbos fitos de rodoalbo,
golpe a golpe o meu trabalho .*

Cá estavam, nas palavras do Mestre, todos os ingredientes necessários para este tipo de actividade lúdica que consistia na produção de brinquedos pela própria criança: o estímulo que o pequeno construtor recebia, da curiosidade, expectativa e, por certo, admiração do mais pequenino – uma cena de aprendizagens mútuas entre crianças; os materiais que a natureza prodigamente oferecia, revelando através deles, à criança e em primeira mão, as suas propriedades e os seus segredos; e a pequenina ferramenta – o prodigioso canivete (símbolo de uma progressiva autonomia da criança, do desenvolvimento das suas destrezas manuais e uma expressão da confiança dos adultos na sua responsabilidade!).

Com tanto e com tão pouco, — materiais da natureza e pequenos restos da indústria caseira, como tão bem o fez ver W. Benjamim (1984) — foram as crianças, ao longo de séculos, construindo esse *universo* fabuloso dos seus brinquedos, que eu, para seu melhor entendimento, tive a ousadia de

¹ A pesquisa que está na base deste texto desenvolveu-se no âmbito do «Projecto CAPES/GRICES, *A Infância e a sua Educação (1820-1950): materiais, práticas e representações*», coordenado por Rogério Fernandes (Portugal) e Luciano Faria Filho (Brasil).

encerrar num conjunto de “constelações”, em livro entretanto publicado (Amado, 2002)! O que proponho, no que adiante se regista, é um olhar forçosamente rápido para cada uma dessas «categorias»², através das palavras de alguns dos nossos escritores, poetas e ficcionistas do século XIX e XX.

Eco das brincadeiras infantis...

Na poesia e na ficção muitas são as referências aos **adornos e adereços** com *grinaldas e colares*: desde Aquilino Ribeiro (1966, p. 258; 1973, p. 163; 1989, p. 138), que sempre relaciona estas práticas lúdicas infantis com os cerimoniais dos velhos cultos da natureza, passando por Fernando Pessoa e outros poetas, até Ferreira de Castro que recordará, ao descrever a poesia da sua «nativa», «o venerando pé de giesta que eu mutilava todos os anos para a coroa do primeiro de Maio e lbe furtava ainda outra haste no meu dia aniversarial» (Castro, 1984c, p. 34).

Com os *brincos de cereja* a constelação dos *adornos e adereços* oferece-nos um brilho especial; eles darão tema e título a um romance infantil de Maria Lamas, (para não falar da sua presença constante e variada na poesia popular³).

Mas regressemos a Aquilino Ribeiro, que sempre escreveu maravilhas desta «fruta pequenina e triviab» (1974b, p. 189), «a alegria da serra por altura das ceifas» (1979, p. 192) e que registou, em breve apontamento, uma cena tão habitual entre a pequenada das nossas aldeias: catraitas ao toro das cerejeiras «com a barriga à mostra, o ranho a alumiá, depois de depenicar nos ramos que lbes deitavam de cima, punham-nas aos pares bifurcados por detrás das orelhas à laia de brincos. E ficavam mais vaidosas que princesas de Golconda» (1974b, p. 189).

Às «Pupilas do Senhor Reitor» de Júlio Dinis ((1989, p. 249), uma obra, como sabemos, representativa do século XIX, podemos ir buscar a ilustração de um divertimento que perdurou enquanto perduraram as *escamisadas* ou *esfolhadas* nas eiras de milho: «Às vezes saltava ao meio do círculo uma criança com grandes bigodes, feitos de barbas de milho, e a ideia era logo apoiada e imitada por todas as outras, com grandes embaraços ao bom e pronto andamento da tarefa do serão. As mães ralhavam, rindo; os pais faziam o mesmo; e, disfarçadamente, punham, ao alcance dos pequenos, novos instrumentos para idênticos delitos».

Voltemos, agora, o olhar para a constelação dos **brinquedos sonoros e musicais**. Sempre se associam as vulgares e tão antigas *flautinhas de cana*, ao ambiente idílico dos pequenos pastores. Como diz Aquilino em «Os Avós dos nossos Avós», «a imagem que se tem dum pastor, entrevisto com olhos arcádicos, é a dum tocador de flauta com zagalas enfeitadas de flores silvestres a dançar à roda...» (1990, p. 296). Uma imagem que encontramos também em Vitorino Nemésio quando, em «Mau Tempo no Canal», invoca esta prática lúdica para acentuar o carácter ermo de uma paisagem: «... E, levantando a cabeça, vendo a nudez da rocha e da serra desertas, procurou por descargo de consciência algum tecto, um tuguírio. Lá muito ao longe, ao alto das ribanceiras do flanco sudoeste de S. Jorge, brinculeava uma luzinha. Devia ser uma casa, uma cabana de pastor, destes que passam o dia atirando pedras às cabras e talhando gaitinhas na cana verde que o vento adelgaça e experimenta» (Nemésio, 1997 p. 265).

Entre os mais populares «brinquedos sonoros e musicais» contam-se as gaitinha de capador, que Aquilino define assim: «instrumento de beiços, de tubos desiguais, feito de lata ou de cana, com que são convidadas as donas - vira-vira, vira-vi — a capar os animais» (Ribeiro, 1985c, p.125); ocuparia muito espaço um relato exaustivo de todas as referências e utilizações literárias que este autor desenvolve em torno deste pequeno, gracioso e tão antigo brinquedo (e instrumento musical), um verdadeiro atributo do Deus Pã, o deus da natureza.

E porque não posso nem quero ser exaustivo, vamos deixar para outra ocasião muitas outras referências como as que são feitas por Aquilino em várias das suas obras (1963, p. 11; 1983, p. 48), — ou por Tomaz de Figueiredo em «A Toca do Lobo» (1987, p. 93), aos *trombones de folha de aboboreira*. Recordemos apenas que se tratava, na recreação aquilinaiana, dos brinquedos predilectos dos filhos de Camilo Castelo Branco e Ana Plácido na quinta de S. Miguel de Seide, para desespero das vizinhas que, a cada hora, vinham reclamar junto do escritor: “Os meninos foram-me ao quintal e para fazer cornetas deram-me cabo das abóboras!” (Ribeiro, 1974a, p. 125).

² Identificam-se por virem em itálico e a negrito no texto.

³ Por exemplo, esta quadra: «Cerejas frescas/Vendem-se pelos caminhos/São brincos das orelhas/Dos filhos dos pobrezinhos».

Também não me deterei nas diversas referências aquilínianas ao *assobio* ou *subiote*, composto pelo tubo de casca de ramo tenro de castanheiro (figueira, salgueiro) e pelo êmbolo da parte lanhosa do mesmo ramo (1968 p, 101). Mas vou terminar este breve olhar sobre os *brinquedos sonoros e musicais* com aquela cena que se refere às *pipas* que qualquer criança das Beiras sabia fazer a partir de um pezinho de centeio ou de trigo; trata-se daquela cena em que Mestre Aquilino descreve umas horas de descanso dos malogrados fidalgos nortenhos que, desde «A Casa Grande de Romarigães» descem a Lisboa, para prestar homenagem a D. Miguel; descanso, é como quem diz... pois «*O diabo é que /o prior do séquito/ rressonava mais alto, variado e plangente que o órgão na vigília da Paixão. Fosse obra de esturrinho, com semiobstrução das fossas nasais, o certo é que dentro daquelas ventas monásticas ora mugiam dez gaitas de folas galegas, ora assobiava a gaitinha de palha mofareira que os rapazes fazem do trigo a apendoar. A partitura entrecortava-se de solos que estrugiam pelo claustro e deviam, transbordando para o exterior, extasiar céu e terra*» (Ribeiro, 1957, p. 250).

Já vai longa a rapsódia... por isso não me deterei nas **bonecos, bonecas e acessórios**, porque eles estarão sempre presentes em muitas das outras constelações... como, por exemplo, quando se tratava, também, de **representar plasticamente alguns animais**. E aqui não posso deixar de recordar um pequeno mas belíssimo livro que tem por título «António dos Olhos Tristes» de Eduardo Olímpio, e que Urbano Tavares Rodrigues, no Posfácio, classifica de novela poética, quase ecológica. Lemos aí, com efeito, que: «*Nos dias em que o calor escarchava as pinhas, sorria a água dos pegos e riscava faúlhas na lonjura da charneca, António dos Olhos Tristes sentava-se ao abrigo de qualquer ramada, agarrava num troco de marmeleiro e em meia dúzia de golpes de canivete fazia uma figura que parecia mesmo um santo enquanto o diabo esfregava um olho. Não era bem uma cara de santo de igreja, era como que uma figura de uma pessoa boa, duma pessoa triste, ora um homem, ora uma mulher, ora uma criança, ora às vezes até um animal qualquer, mas sempre com uma expressão na cara e nos olhos que quem visse dizia logo: — É tal e qual um santo; só lhe falta ser benzido. E era. Era mesmo assim tal e qual*» (Olímpio, 1989, p. 13).

Nestas representações de homens e de animais manifestava-se, para além da actividade e habilidade manual, o poder da imaginação que tornava a criança sensível à poesia das coisas e à magia das palavras, descobrindo com surpresa que, quando se quer, até as «árvores voam!» «*Chamo a cada ramo de árvore uma asa. E as árvores voam*»... disse Carlos de Oliveira. (In Araújo, 1986, p.57)

Luisa Dacosta, na antologia «Infância e Palavra» (2001) diz também que «*com este fio de liberdade*» que era a prodigiosa imaginação das crianças, não era necessário dar-lhes muitas coisas para elas serem imensamente ricas: «*As meninas tinham uma boneca-filhinha e um fogãozinho. Tudo o resto era invenção: cantareirinhas de caquinhos, miúdos e preciosos, queijinhos feitos de casca de laranja, a dedal, peixinhos verdes de folhas de arbusto, vendidos na canastrinha, bijes de concilros acompanhados de arroz de raposa, colbidos nos muros, chaveninhas de eucalipto para o chá das visitas das bonecas...* Toda uma panóplia de **miniaturas de utensílios domésticos**, entre outras fantasias, que se tornavam numa verdadeira introdução aos gestos e atitudes da vida doméstica!

Uma introdução que tinha o seu complemento natural com as **miniaturas de alfaias e engenhos agrícolas**. Era esta constelação composta, entre outras miniaturas, por carros e bois, «engacinhos» e demais alfaias próprias da actividade agrícola que o engenho das crianças tão bem imitava, produzindo-as a partir dos mais diversos materiais: tábuas, carcódia, cana, baterraba, castanhas... Em «Esteiros» de Soeiro Pereira Gomes, o *Maquineta* despertava a admiração e inveja dos seus colegas, pela sua habilidade em produzir a canivete, estes artefactos, ainda que dele se rissem por não ser capaz de responder a uma pergunta do Professor: «*não sei ler, mas faço coisas — repontava, mostrando carros e barcos toscos de madeira*» (Gomes, 1974, 21).

O carro de bois era a alfaia mais imitada. *João Bravo*, do romance «Nó Cego» de Tomaz de Figueiredo, recorda como, na sua meninice: «*Brincava muito com tonas de melão e de melancia, das quais fazia carrinhos em que figuravam de gado folhas de laranjeira. Carregava os carrinhos de pedaços de tona, de pevides, do que calhava, e a puxar pela soga, que era de barbante, ia falando às folhas de laranjeira, cangadas a um jugo que era meia folha de laranjeira: “Eh! Boi! Eh! Boi!” tal e qual via fazer aos rapazes*» (Figueiredo, 1971, p. 39).

Em «Caminhos Errados», de Aquilino Ribeiro, encontramos *Fausto*, — «... o padrinho tinha-lhe posto este nome de feiticeiro» — um dos muitos pequenos habilidosos celebrados pelo Mestre: «... desde pequeno ganhara fama com os bonitos da sua navalhinha de pastor. A apascentar as vacas, enquanto elas iam retoçando a erva dos cerrados e tilintando as suas sete campainhas, carpintejava brinquedos, por via de regra alfaias agrícolas em miniatura, muito apreciadas dos meninos fidalgos, a quem as oferecia liberalmente» (Ribeiro, 1985a, p. 214).

Um dos contemplados pela generosidade do pequeno artesão, podia muito bem ter sido o *Amadeu* de «Cinco Réis de Gente», sem anular a carinhosa intervenção da tia Ana: «*Esta tia Ana não sabia ledas histórias como a tia Custódia e a cantar era uma cana rachada. Para me compensar dessa inferioridade, encomendava aos rapazes habilidosos da aldeia arados, grades, engacinhos, carros miniaturais, com leito de carcódea e rodas de castanha, que me trazia com a unção da rainha de Sabá...*» (Ribeiro, 1989, p. 32).

Se me tivesse proposto registrar aqui testemunhos de outras eras, mormente da antiguidade clássica, não podia deixar de recordar testemunhos de Homero, Aristófanes, Horácio, Séneca, Santo Agostinho... Também em suas obras deparamos com essa paixão tão antiga, e nem sempre tão infantil como isso, que é a de fazer pequenas **construções** na areia da praia, ou, fora dela, com pedras, com paus, com tudo o que havia a jeito... tal como Joãozinho, do já referido romance *Nó Cego*, brincava com caixas de fósforos: «*Bem boas para brincadeiras, que eram as caixas de fósforos de vintém, as de luxo! Fazia com elas comboios, igrejas, pontes, cidades, e no meio um castelo como o da vila, com torres e muralha. Até fazia o próprio mar: caixinhas acima, caixinhas abaixo, a fingir de ondas. Mas só elas, por elas já eram brinquedos engraçados*» (Figueiredo, 1971, p.54).

E quantos meninos não foram, na sua imaginação, construtores de barcos, pescadores e marinheiros! Já referimos o *Maquineta* dos «Esteiros». Mas recuemos à *Criação do Mundo...*, de Miguel Torga, para lembrar aquela passagem dos garotos que «*por misericórdia*» resolveram acabar com a lenta agonia do «macho do Venâncio», primeiro a varapau, depois, diante da obstinação do bicho, com a navalha do narrador: «*... Com nojo e pavor da navalha assassina, que até ali servira apenas para fazer flautas, pionas e navios de carcódea, e nunca esperara ver enterrada na barriga dum burro podre, concentrei toda a minha ternura naquele revólver terrível e generoso, que matava sem balas e sem gatilho...*» (Torga, s/d, p. 40). Era feita deste modo a vida dos pequenos construtores do seu mundo... de alegria, de diabruras, por vezes de remorsos e, sempre, sempre... de muitos sonhos... como os do Gabriel, o menino de «A Escola do Paraíso» de José Rodrigues Miguéis. O seu sonho era, precisamente, ter um barco: «*ter um barquinho que pudesse pôr a navegar no tanque. Os que ele faz, de papel de embrulho, de jornal, ou de cadernos usados, aplastam-se e desfazem-se miseravelmente, manchados de tinta diluída, e naufragam. Traz de casa uma casca de noz, um pedaço de pau, uma tabuinha, uma caixa de charutos, subtraída aos botões da família: mas nada disso lhe dá a realidade-ilusão...*» (Miguéis, 1993, p. 260).

Havia, também, os «verdadeiros» **transportes**, numa infindável série de materiais que a literatura não deixou de consagrar; eram brinquedos com que as crianças satisfaziam uma necessidade imperiosa de movimento, colocando-se, por vezes, como nos baloiços, à beira da vertigem e, quiçá, do divino!

Cavalgar numa cana é prática referida na literatura grega e romana. Mais próximo de nós é o poeta oitocentista Faustino Xavier de Morais que se revê: «*E em grosso cavalo de pau, mais orgulhoso que um rei...*»⁴.

No já referia obrinha de Eduardo Olímpio vamos encontrar: «*António de Olhos tristes carregado como um burro com tábuas, tabuinhas, pregos, ripas, uma traquinada de coisas. Era para ele fazer um carrinho de três rodas pró catraio da Zabel Gorda começar a engatinhar*» (Olímpio, 1989, p. 35). E apesar dos perigos que estes engenhos simples (as andadeiras ou andarilhos que já vêm da antiguidade), podiam oferecer, começava com eles, para muitas crianças, a interminável «*descoberta*» do Mundo, como diria Sebastião da Gama, naquele poema que assim termina:

«.....
E o menino ri, naquela
longa viagem que o deslumbra.
—: O Mundo já é maior.
Há mais flores depois da flor
que apanha e vai desfolbando.
E o menino ri, troçando
de quem, ao vê-lo passar
não se espanta nem se admira,
afeito à velha mentira
que andar é coisa vulgar» (Gama, 1967, p. 67).

⁴ Citado in LIMA, 1959, p. 262

Mas andar não é coisa vulgar ... que o diga a história da evolução humana... entre-se por dentro desse complicado processo que exige a coordenação do gesto, do olhar, das capacidades de orientação, de previsão... e na infância não havia melhor instrumento para a estimulação de todas essas faculdades do que a corrida com *arco e gancheta*. Desta prática se serve Ferreira de Castro para conferir uma nota pitoresca à paisagem do vale do Caima na hora da despedida de Manuel da Bouça, atraído pelas miragens do Brasil: «*Grande suavidade e grande silêncio cobriam o vale, subiam até a estrada, envolvendo tudo. Em cima da torre, em Santo António, o galo de metal refulgia ao sol moribundo. E da banda dos Salgueiros surgia, accionando velbo arco de pipa, um garoto maltrapilho, sujo o rosto e uma nádega ao lén. Ficou um instante a olhar o grupo e depois voltou, perna vai, perna vai, em correria atrás do arco*» (Castro, 1984a, p. 57).

No capítulo do *transportes* poderíamos deixar, ainda, testemunhos literários acerca dos «*escorregadoiros*» ou «*lajinhas escorregadia*» (Ribeiro, 1979, p. 140; Torga, s/d, p. 51; Correia, 1979, p.20), das *andas* (Castro, 1984b, p. X), dos *baloiços e balancés* (Ribeiro, 1989, p.146), mas privilegiarei a *mota* (*carro de rodas, carrinho de ladeira*) porque não posso virar assim tão levemente aquela página de antologia da «A Escola do Paraíso» de José Rodrigues Miguéis, sobre as aventuras e desventuras dos garotos e seus carros de madeira, nas vielas da capital, nos primeiros anos do século XX... fica só um cheirinho... «... a meio da descida, dois garotos descalços brincam com um carrinho feito de pedaços de caixotes e quatro rodízios improvisados. Ele segue-os com admiração e inveja: como são livres! E como sabem brincar! De repente — já eles lá vão, montados no carro, a descer a grande curva a vertiginosa velocidade e em gritos de entusiasmo — surge um polícia, não se sabe donde, talvez duma escada onde estava a espá-los, e corre atrás deles, a segurar o chanfalho que lhe embaraça as pernas... Agarra! Agarra! Os garotos abandonam o carrinho e fogem como ratos por ali abaixo, espavoridos. Mas desaparecem às Olarias, o cívico desiste e volta atrás....» (Miguéis, 1993, p. 131)

Interessante é, também, o texto de Fidelino de Figueiredo, em «Um Coleccionador de Angústias» (editado em 1953) ao caracterizar as vivências da “Rua” onde a personagem central, enquanto criança, teve o seu primeiro campo de colheita de angústias e de surpresas. Deslizar num carrinho destes foi também uma dessas positivas vivências, no tempo em que a rua não era, como agora, apenas um lugar de passagem ou de sobre-vivências: «... E o rapazião de cima descia ao tramo inferior para recrutar parceiros e mestres para certo esporte arriscado, que fazia o desespero das mães; deslizar, sentado numa prancha com duas rodinhas trazeiras e uma dianteira com guiador, por sobre os planos inclinados dos passeios calcetados e polidos, e preferentemente nos cotovelos da rua, onde a curva era mais fechada. Havia grandes peritos neste esporte, que sabiam travar o carrinho em plena vertigem, com um pé no chão ou uma volta brusca, à maneira dos cesteiros da ladeira do Monte, no Funchal. Naturalmente havia-os também sem destreza, que pagavam cara a ousadia. Vinham depois as mães, limpando as mãos molhadas aos aventais, num grande alarme, ao ver os arranhões sangrentos dos aprendizes, pedir contas aos tamanhões mais sabidos; e acudiam logo as mães destes a replicar. E a tempestade generaliza-se pela rua toda, com motins partidários de uns e de outros, à porta dos pátios» (Figueiredo, 1953, p. 32).

Estas duras e, por vezes, dolorosas experiências terrenas eram sobejamente compensadas pela alegria de lançar os *papagaios* (Ferreira, 1995, p. 62; Torga, s/d, b, p. 245) para o ar e correr atrás deles ao sabor dos caprichos do vento. Seria interessante referir aqui a misteriosa figura de Ti Chin-Fu, de «O Mandarim» de Eças de Queirós, que, nem morto dispensava o papagaio junto de si: «*Agora jaz à beira de um arroio cantante, todo vestido de seda amarela, morto, de pança ao ar, sobre a relva verde: e nos braços frios tem o seu papagaio de papel, que parece tão morto como ele*» (Queirós, 2001, p. 36-37; cf. também págs. 84, 108, 109, 119, 132, 142, 147); de referir, ainda, a censura de Almeida Garrete ao povo de Santarém, em «Viagens na Minha Terra», por malbaratar o seu inestimável património, um verdadeiro «*livro de pedra (...) o mais belo e precioso de Portugal*!» *Deram-no ao povo que com ele se pôs a brincar e rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuços com elas.*» (Garrete, 1983, p. 269). Mas é com o poema de Torga (s/d, a, p. 245) que termino esta referência:

‘Foi um sonho que eu tive;
Era um menino de bibe
E uma estrela de papel.
O menino ia lançando a estrela,
Como quem semeia uma ilusão;
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Presa pelo cordel à sua mão,

*E tão alto subiu,
Que deixou de ser estrela de papel,
E o menino ao vê-la assim sorriu,
E cortou o cordel”*

De pequenas **guerras e caçadas** se fazia a vida infantil, também, adquirindo um papel de relevo no cimentar de relações amistosas indeléveis, por mais paradoxal que isso pareça! A poderosa atracção e a deliciosa carga lúdica que existe na prática da caça, começava cedo a exercer-se sobre a criança que, como diz Aquilino Ribeiro (1989, p. 112), *«ignora ao certo onde passam as fronteiras do bem e do mal»*, e para quem o sentimento de aventura e o prazer dos sentidos eram motivo de arrebatção: *«Movia-nos decerto o instinto atávico do homem que se nutria principalmente da caça. Mas devia contribuir para semelhante engodo o sentido de beleza que há num ninho, maravilha de ordenação, nos ovos, que, sarapintados das cores mais raras, são transcendentais de graça, nos próprios pássaros que muito bem desafiam os ardis do homem, andam tão à vontade no chão como no ar»* (ibidem, p. 138).

Os brinquedos usados nestas práticas ficaram registados por diversos autores; Amadeu de «Uma Luz ao Longe», romance de Aquilino Ribeiro, propunha-se *«forjar uma flecha que deitaria abaixo os corvos que passassem sobranceiros aos sultos»* (1985b, p. 139); João, de *Nó Cego*, de Tomaz de Figueiredo, recorda com saudade *«a forqueta da fígua e as munições de seis-inhos»* que em criança sempre trazia no bolso do bibe (1971, p. 247)⁵; Miguel Torga em «O primeiro dia da criação do mundo» (s/d, p. 34) lembra que *«era com promessas de estoques, navalhas e diospiros»* que o «figurão» do Albertino *«procurava insinuar-se»* junto dos seus colegas de Escola.

O vastíssimo património de **jogos tradicionais e o material** que lhes servia de base tem, também, uma forte representação na literatura. Manuel Alegre, por exemplo, em «Alma» (1985, p. 63), oferece uma invocação de muitos deles ao recordar o dono da mercearia que lhe *dava «botões para eu jogar quando era a época, porque tudo então tinha ciclo, até os jogos: havia o do pião, o da bilbarda, o do botão, o do berlinde (em Alma dizia-se bolindra)»*.

Muitos anos antes, já Aquilino, que referia várias vezes ao jogo do berlinde, recorda, em *Geografia Sentimental* (1983, p. 373) os redondos «abafadores» que provinham das garrafas dos pirolitos: *«E os rapazinhos, que eu vejo com saudade dobrados para o chão a empurrar com piparotes do polegar e do médio a esfera caprichosa, não pedir os seus abafadores às garrafas de pirolito»*.

E Ferreira de Castro está bem perto de nós ao registar aquela experiência tão comum: *«... deixei-me fascinar por um jogo infantil e roubei em casa uma coleção de botões, que era de grande estimação e me valeu um severo castigo, logo repetido quando comecei a vender, ocultamente, para comprar fogos de São João, lunetas que estavam guardadas na nossa velha escrivaninha»* (Castro, 1984b, p. X).

Poderíamos falar ainda *das cinco pedrinhas*, quais *«mundos na mão»* como diz Francisco Bugalho no seu poemas «dois meninos»⁶, e várias vezes invocadas por Aquilino Ribeiro (1957, p. 378) e por Manuel da Fonseca (1963, p. 55); situam-se nesta constelação dos «materiais de jogo», *as bolas de trapos* (algumas delas *«eram verdadeiras obras de arte, feitas com meias cheias de lã, fechadas depois em forma de cu de galinha»*, como lembra mais uma vez Manuel Alegre, na obra referida; mas foram os *piões* aqueles brinquedos que merecem especial carinho de muitos dos nossos autores; ilustrarei isso mesmo com a passagem de uma edificante conversa de *repúblicas de Coimbra*, à hora do almoço, registada no já referido «Nó Cego», de Tomaz de Figueiredo; à mistura com brindes aos *senhores doutores* e achincalhes da praxe a um *caloiro*, registam-se estas sábias considerações: *«Os senhores lentes, sem dúvida, eram pessoas importantíssimas e sublimes ... Contudo sempre iam aparando à unha aqueles piões... aqueles e mais... cada pião, cada zorra! — Vocês por aí não sabem todos o que seja uma zorra. Na minha terra chama-se zorra a um pião dos maiores. Os piões, na minha terra, são de quatro tamanhos. Há a piorra, o pião, a meia zorra e a zorra, que chega a pesar meio quilo. Pois cada zorra que os senhores lentes aparam à unha! Aparam à unha cada zorra! E de ferrão de mesa... Eu de piões ainda percebo, que joguei muito pião, ainda sei dar uma nica. Na minha terra chama-se nicola. Noutras chama-se naca. Já procurei no dicionário, mas não trouxe. Noutras, ainda, nacada... »* (Figueiredo, 1971, p. 170).

⁵ Cf. Daniel Filipe, in Araújo, 1986, p.42

⁶ Francisco Bugalho, in Araújo, 1986, p. 25

Não posso deixar de invocar, também, o ódio de *Amadeu*, em *Cinco Réis de Gente*, à D. Letícia, professora que para castigar a rapaziada resolvia «*confiscar-nos os brinquedos. Os pões, alguns de buxo, feitos ao torno, outros de nozêlba de pinheiro, com ferrões de meio palmo para as nicas, atava-os com as varaças uns aos outros e pendurava o rosário num prego por detrás da sua cadeira*» (Ribeiro, 1989, p.130). O Chiquinho, o mais malandro da turma, é que não estava com meias medidas, garantindo invariavelmente, ao mais vitimizado dos seus colegas, esta solene promessa: «— *Deixa lá! Esta noite vou-lbe pintar na porta a cara do Santos com uns grandes cornos*». O Santos era o marido da professora, claro! Dava-se sempre mal quem, deliberadamente, resolvesse cortar as asas à imaginação e fantasias da pequenada!

Por falar em **fantasias**, elas podem também constituir-se numa das nossas constelações, integrando, por exemplo, as bolas de *sabão*, tema bem poético, o telefone de cordel que José Rodrigues Miguéis regista na «A Escola do Paraíso» (p. 109), o efeito das sombras mágicas lembrado na *Toca do Lobo* (p. 109) de Tomaz de Figueiredo.

Privilegio, contudo, aquelas práticas que fazem lembrar os tempos em que deuses e heróis competiam entre si em busca da mais bela flor; deuses e crianças estão tão próximos!... Porque também estas têm o dom de transformar uma *papoila em boneca*, como a descrita por Matilde Rosa Araújo num conto de «*O Sol e o menino dos pés frios*»... Porque também elas transformavam humildes jarros do campo em *candeias de nossa Senhora*... É no já referido «*Mau Tempo no Canal*», de Vitorino Nemésio (1997, p. 110) que vamos encontrar Roberto e Margarida, dois jovens açoreanos enamorados «*a desenriçar as silveiras para apanhar "candeias"*. *As florinhas brotavam escondidas, com aquele seu feitio de dedeiras rasgadas, riscadas de branco e preto. Pareciam vivinhas de capote, à moda do Faial*». E numa espécie de arqueologia destas práticas, em que os meninos eram quase deuses, pela liberdade e pela capacidade de criar, «*vamos encontrar / com Aquilino Ribeiro / nos compêndios, amachucados, secos e saudosos da nossa meninice*»... «*as coroas de esporas e os amores-perfeitos*» (Ribeiro, 1966, p. 11) com que os meninos “marcavam” as páginas dos seus livros de escola.

Finalmente, é a vez da **culinária infantil**. Era sobretudo no «*jogo das casinhas*», juntando meninos e meninas numa aventureira aprendizagem da vida, que as receitas simbólicas vinham acudir à fome fantasiada de famílias quiméricas. Abordámos já este tema no texto citado de Luisa Dacosta. Ilustrá-lo-ei, ainda, com uma passagem deliciosa de *Cinco Réis de Gente*, de Aquilino, dando conta do *azeite dos copilos* e do *arroz dostelhados*: «*Enquanto nós fazíamos menção de cavar a horta, caçávamos e fuzilávamos coelhos abstractos por uma pá velha, cavalgávamos uma cana, mercadejávamos na feira, elas faziam as voltas da casa entre dois penedinhos e preparavam o comer. Dos copilos extraíam o azeite e com o arroz-dos-telhados preparavam um caril que ingeríamos despachadamente com dois pauzinhos como os chineses. E, fins de ceia, íamo-nos deitar na boa harmonia de ditos e honestos casais*» (Ribeiro, 1989, p. 139).

Mas a «culinária infantil» não se resumia a jogos simbólicos; faziam também parte dela os frutos silvestres, que «*não exigem nem despesas nem cuidados*», como diz Mário de Carvalho numa terna passagem de «*Um deus passeando pela brisa da tarde*» (1994), em que um pequeno escravo romano é encontrado, em flagrante delito, enchendo a boca de amoras silvestres em lugar de as levar para a mesa de seu senhor...Foram também as *amoras* que deram o mote a Manuel da Fonseca (1963, p. 52) neste belo poema:

*Senhora-vizinha, de crepes de viúva,
porque não deixa vir a sua menina
brincar para o largo?
(.....)
Senhora-vizinha,
eu sei de grutas, de barrancos,
e de passagens desconhecidas;
nós chegaremos, através de todos os perigos,
e comeremos as melhores amoras do valado!*

Podíamos falar também das *azedas*, das *rabaças*, do azedume tentador do caule do *trevo*, do delicioso *mel das madre-silvas*, etc. etc., num capítulo interminável mas tentador e fascinante, onde acima de tudo, o que mais contava era a liberdade, de quem, longe dos olhares adultos e esquecidos «*dos mestres tão albeios à nossa sofreguidão de paisagem*», podia correr à cata destas experiências e sensações. Assim mesmo o recordou

José Gomes Ferreira em palavras inigualáveis no condão de despertar o sabor agridoce da saudade dos tempos de infância: «*Deixem-me ser simbólico! Deixem-me dizer com ênfase que as azeitadas eram a liberdade. Sim, a Liberdade! A liberdade conquistada. A liberdade amarga e doce, obtida ontem como hoje, como amanhã, como sempre, à custa de sacrifícios sem nome: de zeros, ralhos, incompreensões, quartos escuros, puxões de orelhas, ponteiros nos dedos, reprovações, descomposturas da família, e caretas, muitas caretas, imensas caretas.*

Mas, digam-me lá: onde estão as azeitadas da minha infância que nunca mais as vi? Onde crescem agora? Em que cantos de pátios em ruínas? Em que quintais perdidos ao pé de que nespereiras? Onde? Onde? Onde? Dêem-me azeitadas! Quero azeitadas. Tragam-me azeitadas. Quero morrer a fazer caretas!» (Ferreira, 1978, p. 78).

Conclusão

Para terminar, lembrarei que esta «rapsódia» serviu apenas para ilustrar como através dos testemunhos dos nossos homens de letras é possível inventariar um vasto conjunto de práticas e de materiais lúdicos saídos do «*engenho das crianças que transpõem para magníficos mundos coisas de nonada*» como disse, ainda mais uma vez, Mestre Aquilino Ribeiro; procurámos, também, desenhar por seu intermédio destes fragmentos uma ampla representação das vivências culturais infantis, muito especialmente da infância rural de há uns anos atrás. Ficamos, deste modo, diante de objectos e práticas cuja dignidade e valor todos estes autores nos ensinam a reconhecer, quer como elementos do nosso património cultural (espiritual, linguístico e material), quer como elementos essenciais na formação e integração social e cultural de gerações de crianças, em especial daquelas que usufruíam do ar livre, da liberdade dos grandes espaços e do contacto permanente, curioso e sensível com a natureza. Deparámos, com vivências e aprendizagens entre crianças, com o fazer e desfazer de grupos e de amizades, com o divertimento comum a fazer adivinhar cooperação, criação e respeito por regras, mas também divisões, rivalidades, rixas... vimos as preocupações parentais, o seu exemplo e o ensinamento, vimos a ternura e o castigo... Vimos a aprendizagem de destrezas, e de valores... certamente a introdução a uma vida sóbria, como tão bem o sintetizou Eugénio de Andrade, que aqui, poucos dias após a sua morte, também homenageio citando estas suas palavras: «*sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa (...). Dessa infância trouxe também o desprezo pelo luxo, que nas suas múltiplas formas é sempre uma degradação.*» (In: Araújo, 1986)

Bibliografia

Obras literárias citadas ou referidas

ALEGRE, Manuel. *Alma*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995.

ARAÚJO, Matilde R. *A infância lembrada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

CARVALHO, Mário de. *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984^a.

_____. In «*Memórias*», apud Jaime Brasil, Introdução às Obras Completas de Ferreira de Castro. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984, I Vol., 1984 b.

CASTRO, Ferreira. *Aldeia nativa*. Vol. X das Obras Completas. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984c.

CORREIA, Alberto. *A roda das estações - costumes dos meninos da aldeia de Sarzeda*. Viseu: Edição do Autor, 1979.

DACOSTA, Luísa. *Infância e Palavra* (Antologia). Porto: Edições ASA, 2001.

DINIS, Júlio. *As Pupilas do Senhor Reitor*. Lisboa: Estante Editora, 1989.

- FERREIRA, José G. *O Mundo dos outros*. Lisboa: Moraes Editora, 1978.
- FERREIRA, Vergílio. *Na tua Face*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- FIGUEIREDO, Fidelino. *Um colecionador de angústias*. Lisboa: Guimarães Editores, 1953.
- FIGUEIREDO, Tomaz. *A Toca do Lobo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1987.
- _____. *Nó Cego*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- FONSECA, Manuel. *Poemas Completos*. Lisboa: Portugalíia, 1963.
- GAMA, Sebastião. *Campo Aberto*. Lisboa: Ática, 1967.
- GARRETE, Almeida. *Viagens na Minha Terra*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1983.
- GOMES, Soeiro P. *Esteiros*. Lisboa: Edições Europa-América, 1974.
- LAMAS, Maria. *Os Brincos de Cerejas*. Lisboa: Editorial Veja. 1992.
- MIGUÉIS, José R. *A Escola do Paraíso*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Mau Tempo no Canal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1997.
- OLÍMPIO, Eduardo. *António dos Olhos Tristes*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- QUEIRÓS, Eça de. *O Mandarim*. Lisboa: Livros do Brasil, 2001.
- RIBEIRO, Aquilino. *A Casa Grande de Romarições*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1957), 1957.
- _____. *Abóboras no Telhado*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1955), 1963.
- _____. *Humildade Gloriosa*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1954), 1966.
- _____. *O Homem da Nave*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1954), 1968.
- _____. *Terras do Demo*. Lisboa: Círculo de Leitores, (1919), 1973.
- _____. *O Romance de Camilo*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1955), 1974^a.
- _____. *Um Escritor Confessa-se*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1963), 1974b.
- _____. *Geografia Sentimental*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1951), 1983.
- _____. *Caminhos Errados*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1947), 1985^a.
- _____. *Uma Luz ao Longe*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1948), 1985b.
- _____. *Casa do Escorpião*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1963), 1985c.
- _____. *Cinco Réis de Gente*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1948), 1989.
- _____. *Os Avós de nossos Avós*. Lisboa: Livraria Bertrand, (1943), 1990.
- TORGA, Miguel. *A Criação do Mundo*. I. Coimbra: Edição do Autor, s/d.
- _____. *Antologia Poética*. Coimbra: Edição do Autor, s/d, a.

Outras bibliografia referida

AMADO, João. *Universo dos Brinquedos Populares*. Coimbra: Quarteto Editora.

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. S. Paulo: Summus, 1984.

GOUVEIA, Cristina. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In Rogério Fernandes (Org.) *Para uma compreensão histórica da criança*. Livro em fase de organização, 2005.

LIMA, Fernando. C. P., Brinquedos. In *A Arte Popular em Portugal* (Continente), Vol. III., Lisboa: Ed. Verbo, 1959.

LUZ, M^a Antónia. *Imagens de Professores Primários na Literatura Portuguesa (1936-1948)*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado não publicada), 2003.